

"O Globo" 23/4/60

A CRÔNICA de Rubem Braga

PETRÓLEO ARGENTINO

LI, HÁ pouco, notícia de grandes êxitos da política de petróleo de Frondizi, acompanhada na inevitável insinuação de que seria tempo de aceitarmos a cooperação do capital estrangeiro nesse terreno, para conseguir a mesma vitória.

Desconfiei da bondade do conselho por um motivo muito simples: durante o Governo Aramburu eu fizera reportagem na Argentina sobre o problema do petróleo, visitando não apenas Buenos Aires como também campos de produção. E sabia que o problema deles é muito diferente do nosso: O nosso é, na verdade, mais grave: é encontrar jazidas de petróleo economicamente exploráveis capazes de atender ao nosso consumo. Até agora só temos a província da Bahia; o resto é esperança. E a Bahia, mesmo que nela se descubram novos campos, como tem acontecido, não dará nunca, provavelmente, para suprir de petróleo todo o Brasil.

Na Argentina, já em 1956, o problema principal não era mais a pesquisa; já tinham sido furados poços cuja produção comprovada daria para atender a todo o consumo do país, folgadoamente. Apenas acontecia que esses poços estavam todos localizados em regiões distantes de Buenos Aires e que era preciso capital para a exploração, o transporte e o refino. Visitei os mais produtivos desses poços, no extremo norte, fronteira da Bolívia; estavam quase todos tapados, à espera de um oleoduto.

Não achei, por isso, nenhuma explicação razoável para a sensacional virada de Frondizi, quando anunciou seus contratos com empresas estrangeiras. Toda a documentação que li na época era inconcludente, mesmo porque a maioria dos grandes investimentos anunciados estava ainda no estágio de cartas de intenção.

Só agora, lendo "Petróleo: desenvolvimento ou vassalagem?", de Medeiros Lima, tenho notícia do que resultaram aqueles ruidosos investimentos de um bilhão de dólares que iriam dinamizar a economia argentina de maneira quase instantânea. Esse famoso bilhão ficou reduzido a 300 milhões; e mesmo esta importância é um tanto "farol", pois algumas cifras somadas não representam inversões reais, mas contratos de operações e serviços a serem pagos pela própria Argentina através da empresa estatal Y.P.F.

Não cabe aqui esmiuçar detalhes de alguns dos contratos — remeto o leitor à leitura do excelente livro do Medeirinhos, mas basta dizer duas coisas. A primeira é que aqueles negócios, que só seriam feitos com pequenas companhias ou com organizações independentes dos grandes trusts petrolíferos, segundo disse Frondizi na ocasião, acabaram mesmo compreendendo disfarçadas concessões à Shell e à Standard, exatamente as duas maiores empresas do petróleo mundial. A segunda é que, mesmo que o petróleo efetivamente extraído em solo argentino dê para o consumo do país, a Argentina terá de pagar uma parte dele em dólares. Isto é: continuará, de todo jeito, a gastar divisas...

122